

A EMOÇÃO NO MUNDO VIRTUAL - NOVAS SUBJETIVIDADES... NOVOS DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS... UM ESTUDO BASEADO EM CONCEITOS DE PIERRE LÉVY

Este artigo aborda a emoção humana no mundo virtual. Estudamos a tênue distinção entre o prazer no uso da Internet e o surgimento de distúrbios psicológicos, sob a forma de compulsões e fobias, por exemplo. Na primeira parte do texto apresentamos alguns estudos recentes relativos ao tema, os de Kimberly S. Young e de Viktor Brenner. A seguir caracterizamos o Transtorno de Adição à Internet (TAI), os sintomas mais frequentes - familiares, acadêmicos e profissionais - e a polêmica existente quanto à existência ou não de tal síndrome. Ao final discutimos dois conceitos de Lévy - os quatro modos de ser no ciberespaço e a inteligência coletiva - que mostram uma visão mais otimista do homem com as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Embora ainda pouco estudado e até questionado por muitos, há sérios indícios de que o Transtorno de Adição à Internet (TAI) seja uma realidade neste século.

Palavras-chave: TICs, Desenvolvimento humano, subjetividade, Internet.

LA EMOCIÓN EN EL MUNDO VIRTUAL - NUEVAS SUBJETIVIDADES... NUEVAS PERTURBACIONES PSICOLÓGICAS... UN ESTUDIO BASADO EN LOS CONCEPTOS DE PIERRE LÉVY

Este artículo se acerca de la emoción humana en el mundo virtual. Estudiamos la distinción tenue entre el placer en el uso de la Internet y la aparición de perturbaciones psicológicas, como compulsiones y fobias, por ejemplo. En la primera parte del texto presentamos estudios recientes del tema, de Kimberly S. Young y de Viktor Brenner. Apos caracterizamos el Info Adicción Disorder (IAD), los síntomas más frecuentes – en la familia, académicos y profesionales - y la controversia existente sobre la existencia o no de tal síndrome. Al final discutimos dos conceptos de Lévy - los cuatro tipos de personalidades en el ciberespacio y la inteligencia colectiva - esa muestra un más el visión más optimista la relación hombre - tecnologías de información y comunicación (TIC). Aunque todavía poco estudió y hasta cuestionada por muchos, hay indicaciones serias que el Info Adicción Disorder es una realidad en este siglo.

Palabras clave: TICs, Desarrollo humano, Subjetividad, Internet.

THE EMOTION IN THE VIRTUAL WORLD - NEW SUBJECTIVITIES... NEW PSYCHOLOGICAL DISTURBANCES... A STUDY BASED ON CONCEPTS OF PIERRE LÉVY

This article approaches the human emotion in the virtual world. We studied the tenuous distinction among the pleasure in the use of the Internet and the appearance of psychological disturbances, under the form of compulsions and phobias, for instance. In the first part of the text we presented some recent study relative to the theme, of Kimberly S. Young and of Viktor Brenner. To proceed we characterized the Info Adiccion Disorder (IAD), the most frequent symptoms - family, academic and professionals - and the existent controversy as the existence or not of such syndrome. At the end we discussed two concepts of Lévy - the four manners of being in the cyberspace and the collective intelligence - that show a more optimist vision with the man - technologies of information and communication (TIC) relationship. Although still little studied and until questioned by many, there are serious indications that the Info Adiccion Disorder is a reality on this century.

Key Words: ICT, Human development, subjectivity, Internet.

L'ÉMOTION DANS LE MONDE VIRTUEL - NOUVELLES SUBJECTIVITÉS... NOUVEAUX TROUBLES PSYCHOLOGIQUES... UNE ÉTUDE A BASÉ SUR CONCEPTS DE PIERRE LÉVY

Cet article approche l'émotion humaine dans le monde virtuel. Nous avons étudié la distinction ténue parmi le plaisir dans l'usage de l'Internet et l'apparence de troubles psychologiques, sous la forme de compulsions et phobies, par exemple. Dans la première partie du texte nous avons présenté études récentes relatif au thème, de Kimberly S. Young et de Viktor Brenner. Continuer nous avons caractérisé l'Info Adicction Disorder (IAD), les symptômes plus fréquents - famille, universitaire et professionnels - et la controverse existante comme l'existence ou pas de tel syndrome. À la fin nous avons discuté deux concepts de Lévy - les quatre manières d'être dans l'espace virtuel et l'intelligence collective - ce spectacle un plus vison optimiste avec l'homme - technologies d'information et communication (TIC) rapport. Bien qu'encore peu ait étudié et jusqu'à a questionné par beaucoup, il y a des indications sérieuses que l'Info Adicction Disorder (IAD) est une réalité sur ce siècle.

Mots clés: TIC, Développement humain, subjectivité, Internet.

A EMOÇÃO NO MUNDO VIRTUAL - NOVAS SUBJETIVIDADES... NOVOS DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS... UM ESTUDO BASEADO EM CONCEITOS DE PIERRE LÉVY

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

eloizaoliveira@uol.com.br

Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1.- INTRODUÇÃO: O VIRTUAL – LABIRINTO E CALEIDOSCÓPIO DE EMOÇÕES.

“Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hiper corpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hiper corpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquartejados, nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual!”

(Lévy, 1999, 150)

O texto em epígrafe justifica a escolha de Pierre Lévy para fundamentar este estudo. Poucos autores têm abordado as questões relativas à tecnologia de informação e comunicação e ao universo da virtualidade com tanta riqueza.

A formação em História das Ciências, Sociologia e Filosofia e a coordenação do Projeto "Tecnologia e Transferência de Saberes: os fenômenos de inteligência coletiva"[1] aguçaram certamente a visão dos fenômenos interacionais e emocionais, presente em sua obra.

Este artigo trata do que Lévy chama de “gigantescas pulsações deste hiper corpo”, que denominamos “rede”. Na realidade, o impacto da Internet na vida do homem desencadeou emoções que, por intensas e pouco familiares, cabem na metáfora que utilizamos

no título desta seção: um labirinto que desorienta e um caleidoscópio que encanta e fascina.

Vejamos como o Brasil está, em relação às condições de acesso à Internet. Embora ainda não esteja entre os primeiros colocados na escala mundial, o país vem tendo um forte incremento da tecnologia de informação e comunicação.

Segundo documento do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a vertente comercial do acesso à rede mundial de computadores, que está completando dez anos de existência no Brasil, se ampliou graças ao crescimento da base de computadores e ao avanço de telefonia.

Mostra dados recentes da *E-consulting* de que há no país 25 milhões de internautas e em julho de 2005, de acordo com pesquisa do Ibope *NetRating*, os brasileiros ficaram em média cerca de 16 horas e 54 minutos conectados à Internet. [2]

De acordo com o mesmo documento, em março de 2005 o Brasil contava com uma base instalada de mais de 24 milhões de computadores, incluindo os de uso doméstico, ou cerca de 12,46 computadores por 100 habitantes, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2003. [3]

Verificando estes dados, destacamos dois aspectos: a expansão na cobertura de telefonia, com crescimento de 9,2% entre 2003 e 2004, devido ao aumento da linha móvel celular (28,8%); e, em relação a 2003, o número de domicílios que possuem microcomputadores expandiu-se em 11,2% e a conexão com a internet elevou-se em 11,0%, levando a um aumento da inclusão digital no país.

A origem desta “revolução” é tecnológica. Os impactos, no entanto, transcendem os limites da técnica e atingem o âmbito social e cultural. Como todo o meio de comunicação, a Internet tem limitações, requer controle do seu uso, precisa atender princípios éticos, de equidade e de cidadania.

Aos poucos, o que deve ser uma ferramenta de busca de conhecimento e ampliação do universo cultural foi adquirindo contornos de fetichização. Este processo é facilitado, parece-nos, pelo fato da Internet permitir a possibilidade de manipulação dos dados, das coisas do mundo real, sem que seja exigida uma consciência aprofundada do mesmo. É uma relação baseada em representações, em projeções inconscientes sobre o real, afetadas pelo momento sócio-histórico vivido.

Para Freud o fetiche estava relacionado à angústia de castração, cujos “resíduos inconscientes” demandam a existência de um objeto concreto, mediador do prazer sexual. Este processo leva à supervalorização do objeto eleito como substitutivo ou mediador.

Este quadro se intensifica quando as emoções e as relações virtuais ocupam o lugar daquelas vivenciadas no real, chegando a haver a substituição de umas pelas outras. Neste caso temos o desenvolvimento de novas subjetividades, que podemos chamar de patológicas.

Segundo Freud:

“O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal e, ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual”. (Freud, 1974, p. 181).

Esta substituição do objeto sexual por outro ocasiona uma super-valorização deste, ocasionando as fixações e compulsões, tão comuns no processo de fetichização, e a diminuição do desejo pelo objeto sexual primeiro, que foi substituído.

Parece-nos que é isto que vem acontecendo em relação ao mundo virtual e aos objetos que oferece. O mergulho no “labirinto”, o encantamento pelo “caleidoscópio” tornam-se, em alguns casos, verdadeiras patologias psíquicas.

É claro que a estrutura de personalidade que subjaz a este processo pode facilitar ou dificultar a instalação da fetichização obsessiva. Pessoas com dificuldades de relacionamento, que desenvolvem relações interpessoais empobrecidas, tendem a desenvolver com mais facilidade tais processos.

É claro também que existe um contexto sócio-histórico-cultural que supervaloriza a performance e a competência para o uso destas tecnologias, reforçando e facilitando a criação desta dependência emocional.

É ingênuo pensarmos, no entanto, que aqueles que apresentam aversão profunda às tecnologias de informação e comunicação (TIC) não estejam sujeitos ao mesmo processo. Estes comportamentos podem ocultar a frustração quanto à realização fetichista.

O próprio Freud, em “O mal-estar na civilização” afirma:

“É digno de nota o comportamento tão diferente do homem primitivo. Se ele se defronta com um infortúnio, não atribui a culpa a si mesmo, mas a seu fetiche, que evidentemente não cumpriu o dever e dá-lhe uma surra, em vez de punir a si mesmo”. (1974a, p. 88).

Não é de estranhar o surgimento de termos como “adicção à Internet”, “cyber patologias”, “computerfobia” e “adicção sem substância”, entre outros, que designam conjuntos de distúrbios psicológicos relacionados ao “des-uso” do computador e da WEB, transformados de poderosos facilitadores de interações sociais em objetos fetichizados da realização de motivos neuróticos de poder, sexo, sucesso e da substituição das relações sociais reais...

Desta forma a Internet se torna o “objeto de desejo” de muitas pessoas, condição mediadora do amor e do prazer normais e assume a condição fetichista da substituição simbólica do objeto desejado, reificando o desejo e coisificando o humano.

É sobre tal quadro que nos debruçamos ao escrever este artigo. Ele está dividido em três partes, além da introdução: a apresentação de alguns estudos recentes sobre o tema; a caracterização do Transtorno de Adição à Internet (TAI), os sintomas mais frequentes - familiares, acadêmicos e profissionais - e a polêmica existente quanto à existência ou não de tal síndrome; e a abordagem de alguns conceitos de Pierre Lévy, que descortinam uma visão mais otimista da relação do homem com a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC).

Acreditamos que o surgimento e a acelerada evolução desta tecnologia deve ser vista positivamente, sem preconceitos, como algo positivo, e que a relação do homem com a informática e com a Internet deve conduzir à ampliação dos universos cognitivo e cultural do mesmo e ao aprimoramento das relações interpessoais.

2.- ALGUNS ESTUDOS SOBRE DESORDENS EMOCIONAIS RELACIONADAS AO USO DAS TIC – CONHECENDO O TRANSTORNO DE ADIÇÃO À INTERNET (TAI).

A existência do Transtorno de Adição à Internet (Info Adicction Disorder ou IAD) provoca polêmicas. Atualmente discute-se que a Internet, além de um precioso instrumento de trabalho, de apoio à construção de conhecimentos e de ampliação do universo social, pode assumir para alguns indivíduos o caráter fetichista que descrevemos na introdução deste texto.

Estes seriam os chamados “netdependentes”, que utilizam a Internet de forma excessiva, com prejuízo à sua vida pessoal e profissional. Esta perda de controle se manifesta sob a forma de um conjunto de “sintomas” cognitivos, emocionais e até mesmo fisiológicos.

Por exemplo, em vez do ciclo que podemos considerar “normal” quando surge um novo recurso tecnológico na rede: interesse inicial mais intenso, domínio progressivo do recurso citado e estabilidade, com a inclusão do mesmo nas ferramentas de interação já conhecidas, o dependente da Internet desenvolve atitudes obsessivas, que podem levar à perda de sono e de apetite, à evitação de relacionamentos e ao abandono das atividades cotidianas e das tarefas profissionais, buscando dominar este novo recurso.

Existe ainda muita polêmica sobre a existência do TAI, havendo tendências a incluí-lo nos Transtornos de Personalidade Ansiosa, já incluídos nos Códigos Internacionais de Doenças [4].

Há uma certa polêmica em relação ao surgimento do termo. Em 1969 Joseph Weizbaum já falava dos adictos à internet, utilizando a expressão “Boêmios dos Computado-

res” ou “Programadores Compulsivos”, referindo-se aos jovens membros de um laboratório de inteligência artificial em que atuava.

Na década de 70 vários estudos foram desenvolvidos, objetivando a caracterização de um perfil do usuário da informática, que já apontavam características como distanciamento e pouca empatia em relação aos demais. [5]

À medida que a Internet e as demais TICs se popularizavam, as pesquisas voltaram-se para os vídeo jogos e seus efeitos positivos e negativos sobre o desenvolvimento da personalidade das crianças e dos jovens. Temos, por exemplo, Creasey e Myers, com estudos realizados em 1986.

Rapidamente, no entanto, foi descoberta a existência do que se chamou na época “cibervampiros”: “navegam” na Internet longo tempo durante a noite e descansam de dia.

O conceito mais específico de TAI pode ser atribuído a Ivan Goldberg (1996), moderador da lista de discussão IASG (Internet Addiction Support Group), que propôs a expressão “Internet Addiction Disorder” para referir-se ao uso compulsivo da rede e utilizou a expressão “uso patológico do computador”.

Escolhemos para detalhar um pouco mais dois estudos recentes: os de Kimberly S. Young e de Viktor Brenner.

A Dra. Kimberly S. Young, da Universidade de Pittsburgh – Bradford, iniciou seu estudo a partir de estudos de casos clínicos que indicavam que usuários *on-line* ficavam “viciados” em Internet, da mesma forma que outras pessoas tornavam-se viciadas em álcool, drogas e jogos, com conseqüência semelhantes nas áreas profissional, acadêmica e social.

O primeiro estudo, realizado com 396 pessoas, apenas classificava os sujeitos como “dependentes” ou “não dependentes”, com base em um questionário de oito itens. Os resultados desta pesquisa (Young, 1996) identificaram a existência de um transtorno por dependência da Internet, similar ao do jogo patológico.

A pesquisadora aprimorou a metodologia de investigação, criando um amplo questionário (33 páginas) que inclui: padrões comportamentais de uso da Internet; perfil de personalidade; capacidade de raciocínio; escala de depressão; escala de avaliação das emoções; e dados demográficos. Fundou, para atender pessoas que apresentam esta dificuldade, o Center for Online Addiction (COLA).

Para Young, uma pessoa apresenta TAI se responde afirmativamente a quatro ou mais dos seguintes itens:

- Sente-se preocupado com a Internet e pensa com frequência nela, quando não está conectado?
- Sente necessidade de ficar mais tempo conectado, para estar satisfeito?
- É incapaz de controlar o tempo de uso da conexão?
- Sente-se inquieto ou irritado quando tenta diminuir ou eliminar as suas visitas ao ciberespaço?
- Conecta-se para fugir dos problemas?
- Mentira para seus familiares e amigos em relação à frequência e duração de suas conexões à Internet?
- Arisca-se a perder uma relação importante, um trabalho, uma oportunidade acadêmica ou sua carreira, por usar a Internet?
- Continua conectando-se após pagar contas altas por esta conexão?
- Quando passa um tempo sem conectar-se fica mal-humorado, irritado ou deprimido?
- Permanece conectado mais tempo do que pretendia inicialmente ficar?

Entre os aspectos indicadores da necessidade de alerta quanto a possíveis problemas com o uso da Internet, Young destaca: a necessidade compulsiva da leitura dos correios eletrônicos (e-mails); a tendência reiterada a antecipar o momento de conexão à rede; queixas de terceiros de que o indivíduo passa muito tempo e investe recursos financeiros na conexão à Internet.

A autora afirma que as pesquisas futuras devem focalizar a incidência e a relação deste tipo de comportamento com outros hábitos estabelecidos, como a dependência química e o jogo patológico, ou desordens psiquiátricas (depressão, transtorno bipolar, desordem obsessivo-compulsiva, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, por exemplo). Viktor Brenner - do programa Counseling and Educational Psychology, da Marquette University, de Milwaukee, Wisconsin - desenvolveu, em 1997, uma pesquisa ("Internet Usage Survey") para compreender assuntos de uso, abuso e potencial vício na Internet.

Ele elaborou um questionário *online* denominado IRABC (Internet Related Addictive Checklist), com perguntas do tipo verdadeiro/falso, destinado a avaliar a amplitude de consequências que os usuários experienciavam devido ao uso abusivo da Internet, desde perder a noção de tempo *on-line* até ser incapaz de diminuir o número de horas conectado.

Obteve um perfil de adicto que não era o de um gênio da Informática ou de um apaixonado por hard e softwares. Eram pessoas comuns, que sentiam crescente e enorme prazer em navegar na Internet e experimentavam intensa ansiedade quando ficavam muito tempo distantes da rede.

Da amostra de 185 questionários válidos recebidos, quase 50% das pessoas reconheciam que o seu trabalho foi prejudicado pelo uso da Internet (10% relataram re-

preensões recebidas dos chefes); 40% afirmaram ter conhecido pessoalmente pessoas que encontraram inicialmente na rede; outros tantos destacaram mudanças substanciais nos hábitos e no estilo de vida, a partir do uso da rede; 58% reconheceram que passavam muito tempo conectados, e que as famílias e amigos se ressentiam do fato.

Estes resultados – e os de muitas outras pesquisas – nos impedem de negar a existência de algum tipo de distúrbio psíquico associado ao uso da Internet. Embora tenhamos consciência de que a sua descoberta é recente e de que ele necessita aprofundamento dos estudos e multiplicação das pesquisas, concordamos com Thompson (apud Prado, 1998):

“Acessar a Internet para e-mail, bolsa de valores, oportunidades de trabalho, Cybersexo e posteriormente aquisição de conhecimento estão entre as razões mais comuns dadas para a crescente conexão com a Internet. Novos avanços tecnológicos ajudam o acesso a Internet a ser um processo habitual para muitas pessoas hoje em dia. Consequentemente, muitos indivíduos de repente percebem que eles tornaram a conexão com a Internet uma prioridade em suas vidas, e que pode haver mais do que apenas um preço monetário anexado em seus hábitos”. (1996, s. p.)

3.- TRANSTORNO DE ADIÇÃO À INTERNET – MANIA, FOBIA E SOLIDÃO NA MODERNIDADE.

As conseqüências negativas do TAI se fazem sentir normalmente em três áreas: familiar, acadêmica e profissional.

a) Problemas familiares:

Young (1996) verificou a incidência de problemas familiares em 53% dos adictos à Internet estudados. Estas pessoas empregam progressivamente menos tempo e atenção nas interações com as pessoas significativas - casamentos, namoros, relações entre pais e filhos e amizades próximas - em troca de tempo solitário em frente a um computador.

Os casamentos são seriamente afetados, pois surgem com frequência traições e relações sexuais na Internet (cyberaffairs, cibersexo). Os parceiros ou os que vivem próximos do viciado em Internet respondem com conflitos, frustração e ciúmes do computador.

Semelhantemente a alcoólatras que tentam esconder o hábito, viciados de Internet fazem o mesmo, mentindo aproximadamente quanto ao tempo e ao gasto com as conexões. Tudo isto cria desconfiança e, com o passar do tempo, contamina a qualidade de relações estáveis.

b) Problemas acadêmicos:

A Internet foi saudada como uma excelente ferramenta de apoio aos processos de ensino e aprendizagem, Young (1996) verificou, no entanto, que 68% dos estudantes pesquisa-

dos informaram um declínio nos hábitos de estudo, diminuição das notas e reprovações, em função do uso excessivo da Internet.

Eles relataram a utilização de tempo em chats, jogos virtuais e troca de e-mails com colegas, além de visitas a sites sem qualquer relação com os estudos que desenvolvem.

c) Problemas profissionais:

Além do descuido dos trabalhadores em relação às tarefas, o uso abusivo da Internet é uma séria preocupação para os gerentes. Tal compulsão arruína a efetividade organizacional, empobrece a performance dos funcionários.

Os estudos do TAI levam a incluí-lo entre as *dependências sem substância*, que podem ser comparadas a comportamentos compulsivos, cujo único reconhecido nas classificações oficiais (CID-10 e DSM-IV) é o jogo patológico. Talvez ficasse mais bem enquadrada, no entanto, entre os Transtornos do Controle de Impulsos, como o excesso de exercício físico (vigorexia), de trabalho, o sexo compulsivo e a compulsão a compras.

Os que defendem a existência e a classificação desta síndrome definem o dependente como a pessoa que se utiliza excessivamente da Internet, distorcendo seus objetivos pessoais, familiares e/ou profissionais. Se uma pessoa fica horas e horas conectada, negligenciando obrigações familiares, pessoais e profissionais de forma reiterada, podemos estar diante de uma situação de adicção.

John Suler (1996) define dois modelos de adicção a Internet: o primeiro se refere aos indivíduos muito interessados por computadores, que utilizam a rede para buscar informações, jogar solitariamente, baixar novos programas, mas sem estabelecer contatos interpessoais; o segundo modelo inclui indivíduos que freqüentam chats, moods e listas de discussão. Apresentam intensa necessidade de afiliação e de contato pessoal.

Ainda assim, não há certeza se a compulsão à Internet deva ser considerada uma patologia própria ou se ela representa apenas um sintoma de algum outro estado emocional subjacente.

Existe um elemento básico que fortalece o poder adictivo da Internet: é a multiplicação de possibilidades de socialização e de comunicação interpessoal virtual, através dos *chats*, do correio eletrônico, da participação em grupos de discussão, das conversas em tempo real. Para outros, no entanto, o ponto chave é a busca de prazeres sexuais negados pela realidade concreta, através da busca contínua e excessiva de material erótico e pornográfico. A esse conjunto de condições Young (1996) chamou de “modelo ACE” - anonimato, conveniência e fuga (escape).

Falando dos resultados das suas pesquisas, Young (1998) afirma:

“...these results also suggested that dependents were relative beginners on the Internet. Therefore, it may be hypothesized that new comers to the Internet may be at a higher risk for developing addictive patterns of Internet use. However, it may be postulated that "hi-tech" or more advanced users suffer from a greater amount of denial since their Internet use has become an integral part of their daily lives”. (p. 240).

É claro que muitas pessoas que acessam a Internet e desenvolvem comportamentos adictivos têm uma “história” anterior e, com frequência, apresentam dificuldades emocionais como introversão, auto-estima diminuída, timidez e fobia social, fantasia acentuada, dispersividade de atenção, depressão e tendência a adicções químicas ou sem substâncias.

Mas não podemos desconhecer que o “labirinto” e o “caleidoscópio” da Internet, de que falamos na introdução, podem potencializar estas “tendências”, gerando uma grave perturbação psicológica: o Transtorno de Adicção à Internet (TAI).

Boris Omar Villanueva Meneses [6], em conhecida Monografia sobre a adicção à Internet, fala do ciberespaço como um espaço psicológico e de uma extensão da psique, em que uma multiplicidade de novas experiências está sendo gerada. Diz Meneses, com propriedade:

“Cuando uno experimenta el ciberespacio como la extensión de la mente (como espacio transicional entre el sí mismo y el del otro), la puerta es atravesada en un amplia rango de tipos de fantasías y reacciones de transferencia proyectadas en este espacio. Bajo condiciones ideales, la gente usa esto como una oportunidad de mejorar el entendimiento de sí mismos, como un camino para explorar sus identidades y como una manera de atraer o abordar la de otros. Bajo menores condiciones optimas, se usa este espacio psicológico para desahogar o manifestar fantasías y frustraciones, ansiedades y deseos.”

4.- CONCLUSÃO, OBSERVANDO CONCEITOS DE PIERRE LÉVY – UMA VISÃO POSITIVA DA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A INTERNET.

Da rica obra de Pierre Lévy escolhemos dois conceitos para ilustrar esta conclusão, que busca apontar aspectos mais positivos deste fascinante mundo que é a Internet e dos seus efeitos sobre a personalidade humana.

O primeiro é o dos “quatro modos de ser”, possibilitados pelo ingresso no homem no ciberespaço [7], como o conceitua Lévy (1999a):

“O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este serviço”. (p.17).

Em obra anteriormente citada (Lévy, 1999) o autor traça um “quadrívio ontológico” (p.135), afirmando que a virtualização não significa um desaparecimento do homem no ilusório, uma “desmaterialização”. Chama esse fenômeno de “dessubstanciação”, com passagens seguidas do individual para o coletivo e vice-versa.

A partir daí analisa quatro modos de ser no ciberespaço, apresentados no quadro abaixo (op.cit., p. 140):

Transformação	Definição	Ordem	Causalidade	Temporali- dade
Realização	Eleição, queda de potencial	Seleção	Material	Mecanis- mo
Potencialização	Produção de recursos	Seleção	Formal	Trabalho
Atualização	Resolução de problemas	Criação	Eficiente	Processo
Virtualização	Invenção de problemas	Criação	Final	Eternidade

Estes quatro modos de ser implicam formas de causalidade e temporalidade diferentes. Não são meras “tipologias”, fixamente determinadas, os seres humanos apresentam traços de mais de um deles e predominância de um sobre o outro em diferentes momentos da vida.

a) A realização, associadas à causalidade material, traz uma temporalidade determinante linear, mecânica. Segundo Lévy, essa modalidade de ser faz cair o potencial. Se ela não ocorre, no entanto, acontece a perda do apoio, da base de todos os processos.

b) A potencialização leva o indivíduo do real ao possível, reconstitui os recursos e as reservas de energia. Ambos – realização e potencialização – pertencem à ordem da seleção dos melhores possíveis para realizar algo. Se for sufocada, leva ao esgotamento, à extinção do potencial do homem.

c) A atualização “inventa” soluções para os problemas colocados pelo virtual. Ela permite a criação de fórmulas para criar informações totalmente novas. Sua temporalidade é a dos processos, o tempo criativo.

Seu impedimento produz o corte da atualização, das idéias, provocando a esterilização dos problemas, a parada do ato inventivo.

d) A virtualização envolve a causalidade final, sua temporalidade é, segundo o autor “o tempo dos tempos”. Ela “sai do tempo para enriquecer a eternidade” (Lévy, 1999, p.

141), é responsável pela invenção de questões e problemas, “máquinas de devir”. Seu bloqueio faz com que se instale a alienação.

Podemos concluir, a partir do exposto por Lévy, que não há um dos modos de ser que predisponha o homem ao Transtorno de Adição à Internet. Os dois últimos – atualização e virtualização - no entanto, por destacarem a criatividade e a criticidade nas incursões ao mundo virtual, são importantes para a erradicação dos sintomas e conseqüências do TAI.

O outro conceito de Lévy que desejamos enfatizar é o de “inteligência coletiva”, que está assentado no princípio de que o saber está contido na humanidade, distribuído por toda a parte, e não nos indivíduos. Ela é incessantemente valorizada, coordenada em tempo real e resulta em uma mobilização efetiva das competências.

Para ele:

“Os produtos da técnica moderna, longe de adequarem-se apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos”. (2004, p. 16).

É através das tecnologias digitais que o homem interage com esses conhecimentos, desde os mais simples até os mais sofisticados. Segundo Lévy (1998, p.28), podemos dizer que a Internet permite uma “coordenação das inteligências em tempo real” e atinge uma “mobilização efetiva das competências”, potencializando interações que produzem “um comportamento globalmente inteligente”.

O autor continua:

“Interagindo com diversas comunidades, os indivíduos que animam o Espaço do saber, longe de ser os membros intercambiáveis de castas imutáveis, são ao mesmo tempo singulares, múltiplos, nômades e em vias de metamorfose (ou de aprendizado) permanente. Esse projeto convoca um novo humanismo que inclui e amplia o “conhece-te a ti mesmo” para um “aprendamos a nos conhecer para pensar juntos”, e que generaliza o “penso, logo existo” em um “formamos uma inteligência coletiva, logo existimos eminentemente como comunidade”. Passamos do *cogito* cartesiano ao *cogitamus*”. (1998, p.31-32).

Esta perspectiva otimista de Lévy deriva da concepção de ciberespaço como Espaço Antropológico por excelência, compreendido como um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico), portanto dependente das técnicas de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas.

O ciberespaço se constitui na principal fonte de criação coletiva de idéias, por meio da cooperação intelectual, de maneira que elas revertam para o bem de todos. Chega, assim, a importantes conclusões sobre este espaço: a importância da dimensão coletiva da inteligência, a capacidade de influência dos modos de agir, viver e pensar, na sociedade

virtual; e a criação de um novo humanismo, pois um novo psiquismo afetivo torna-nos mais sensíveis às questões humanas.

Há muito mais coisas positivas na no mundo virtual, portanto, que redimensionam os efeitos negativos do Transtorno de Adição à Internet, se é que ele existe mesmo. Concluímos com mais uma reflexão de Pierre Lévy, em entrevista ao Jornal do Brasil [8], significativa para esta conclusão:

“A internet decerto aumenta as possibilidades de informação e controle democrático sobre as ações governamentais, bem como sobre as grandes empresas e todos os poderes de um modo geral. É necessário compreender o crescimento da internet como o prosseguimento do nascimento e da extensão da esfera pública que se manifestou com o desenvolvimento sucessivo da imprensa, do rádio e da televisão. O conjunto da sociedade se tornou um pouco mais visível, mais transparente, e, sobretudo um número maior de pessoas puderam exprimir seus pontos de vista. A Internet permite hoje que milhões de pessoas se dirijam a um vasto público internacional - pessoas que não teriam podido publicar suas idéias nas mídias clássicas como a edição em papel, nos jornais ou em televisão”.

5.- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNES, P. (1974). A study of personality characteristics of selected computer programmer and computer programmer trainees. *Dissertation Abstracts*, 3(3-A), 1440.

BRENNER, V. (1997). Brenner, Viktor. Psychology of computer use: XLVII. Parameters of Internet use, abuse and addiction: the first 90 days of the Internet Usage Survey. *Psychological Reports*, 80(3, pt.1), 879-882.

CREASEY, G. e MYERS, B. (1986). Video games and children: Effects on leisure activities, schoolwork, and peer involvement. *Merril-Palmer Quarterly*, 32, 251-261.

CROSS, E. M. (1972). The behavior styles, work preferences and values of an occupational group: computer programmers. *Dissertation Abstracts*, 1972, 32(7-B), 4273-4274.

FREUD, S. (1974). Fetichismo. In *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio, Imago, v. XXI.

_____. (1974a). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio, Imago, v. XXI.

GOLDBERG, I. (1996). Internet Addiction – Internet Addiction Support Group. Disponível em: <http://harvest.trasarc.com/afs/transarc.com/public/mic/html/Addiction.html>. Acesso em 15/03/2005.

LÉVY, P. (1998). *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo, Edições Loyola.

_____. (1999). *O que é o virtual?* São Paulo, Editora 34.

_____. (1999a). *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34.

_____. (2004). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo, Editora 34.

MILLER, J. (1970). Selecting computer programmers: a multivariate approach to the determination of predictors using an improved criterion for on-the-job success of male and female computer programmers. *Dissertation Abstracts*, 31(4b), 2341-2342.

PRADO, O.Z. (1998). Histórico das pesquisas sobre vício e comportamento patológico na Internet. Disponível em <http://psico.net/tcc/>. Acessado em 19/05/2006.

SULER, J. (1996). Why is this eating my Life? Computer and Cyberspace Addiction at the "Palace" World Wide Web. Disponível em <http://www1.rider.edu/~suler/psycyber/eatlife.htm>. Acessado em 23/10/2003.

WEINZEMBAUM, J. (1969). *Computer Power and Human Reason: From Judgement to Calculation*. São Francisco, W.H. Freeman.

YOUNG, K. S. (1998). Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *CyberPsychology and Behavior*. Vol. 1 No. 3, p. 237-244.

_____. (1996). Internet Addiction: symptoms, evaluation, and treatment. Disponível em <http://www.netaddiction.com/articles/symptoms.htm>. Acessado em 18/05/2006.

Notas:

[1] Pierre Lévy coordena a Cátedra de Pesquisa na Universidade de Ottawa-Canadá, intitulada "Tecnologia e Transferência de Saberes: os fenômenos de inteligência coletiva". Esse projeto envolve pesquisadores de várias partes do mundo, que estão reunindo experiências sobre comunidades virtuais, redes de conhecimentos, práticas de solidariedade via WEB, Educação a Distância, cidades digitais, governos virtuais etc. O projeto tem duração prevista até 2010.

[2] O documento a que nos referimos chama-se "Telecentros de Informação e Negócios: o desafio da inclusão digital da microempresa e empresa de pequeno porte.", elaborado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil em maio de 2006.

Disponível em:

http://www.telecentros.desenvolvimento.gov.br/documentos/TIN_Documento_Final.pdf

[3] Trata-se de uma pesquisa realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Investiga um amplo leque de características sociodemográficas da população, possibilitando análises para cada uma das vinte e sete unidades da Federação em que se divide o território brasileiro.

[4] A existência de um Transtorno de Adição à Internet (Info Adicction Disorder ou IAD) é uma possibilidade ainda muito nova. Ele ainda não consta do DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders).

[5] Referimo-nos a estudos como os de Miller, 1970; Cross, 1972 e Barnes, 1974.

[6] A Monografia chama-se “Adiccion a Internet” e é citada freqüentemente em estudos sobre o tema. Está publicada no site www.ilustrados.com.

[7] Ciberespaço, para Lévy (1999a), designa o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Constitui um campo vasto, aberto e ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes.

[8] Esta entrevista foi realizada em 26/08/2002, por ocasião da Conferência “Internet e Desenvolvimento Humano”, realizada em São Paulo pelo SESC (Serviço Social do Comércio).

Para citar esta artículo puede utilizar la siguiente referencia:

DA SILVA GOMES DE OLIVEIRA, Eloiza (2006): La emoción en el mundo virtual – Nuevas subjetividades... Nuevas Perturbaciones psicológicas... Un estudio basado en los conceptos de Pierre Lévy. GARCÍA CARRASCO, Joaquín (Coord.) Estudio de los comportamientos emocionales en la red [monográfico en línea]. *Revista electrónica Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la sociedad de la información*. Vol. 7, nº 2. Universidad de Salamanca. [Fecha de consulta: dd/mm/aaaa].

<http://www.usal.es/~teoriaeducacion/rev_numero_07_02/n7_02_eloiza_da_silva.pdf>

ISSN 1138-9737